

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Gabriel Duque Coelho Novaes

O NEO-RURALISMO E A PAISAGEM CULTURAL: UM ESTUDO EMPÍRICO EM PATY DO ALFERES

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Dr. Francisco de Assis Penteado Mazetto.

Juiz de Fora

2017

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, GABRIEL DUQUE COELHO NOVAES, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201572019A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado O NEO-RURALISMO E A PAISAGEM CULTURAL: UM ESTUDO EMPÍRICO EM PATY DO ALFERES, desenvolvido durante o período de 06/03/17 a 13/07/17 sob a orientação de FRANCISCO DE ASSIS PENTEADO MAZETTO, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 04 de Julho de 2017.

GABRIEL DUQUE COELHO NOVAES

NEO-RURALISMO E A PAISAGEM CULTURAL: UM ESTUDO EMPÍRICO EM PATY DO ALFERES

Gabriel Duque Coelho Novaes¹

RESUMO

Este trabalho pretende realizar um estudo sobre o conceito do neo-ruralismo, no que se refere às transformações objetivas entre o campo e a cidade. Uma análise empírica através do olhar, ouvir e escrever; uma reflexão sobre as relações sociais dos novos atores da vida rural; o exercício da pesquisa de campo e da produção do conhecimento lado a lado com a cultura. Construir o conceito da paisagem cultural; relacionar o fenômeno com a transição histórica e a inter-relação entre o espaço rural e o espaço urbano. Pensar o neo-ruralismo enquanto forma de diferentes comportamentos sobre a sensação do meio rural como espaço basilar da vida. As características da volta do homem ao campo, adequando-se às diferenças do estilo de vida na sociedade modificada nessa interface. Dentro da questão rural/urbana, o fenômeno do novo ruralismo valoriza todo o movimento de busca a tradições culturais rurais, o desejo das relações mais próximas, o valor típico do velho mundo rural, a relação mais próxima com a natureza, o tempo de descanso e lazer, ou seja, os elementos desse novo mundo rural em cena.

PALAVRAS-CHAVE: Paisagem Cultural; Paisagem rural; Novo ruralismo; Geografia humanista; Sociologia Rural.

ABSTRACT

The work aims to produce a study on the concept of new rurality, in regard to the meaningful transformations between the countryside and the city. An empirical analysis through the "seeing", "listening" and "writing"; a reflexion on the social relations of the new actors of rural life; the practice of the field research and the production of knowledge side by side to the culture. Building the concept of the cultural landscape; connect the phenomenon to the historical transition and the inter-relation between the country space and the urban space. Thinking the new rurality as a way of different behaviors about the feeling of the countryside as the fundamental space of life. The characteristics of the "returning man", fitting into the differences of the lifestyle in the modified society in this interface. Inside the rural/urban matter, the new rurality phenomenon emphasizes the movement of pursuit for the rural and cultural tradition, the desire for closer relationships, the typical value of the "old rural world", the straight relation with nature, the rest and recreation moments. In other words, some of the elements of this new rural world on the scene.

KEYWORDS: Cultural Landscape; Natural Landscape; New Rurality; Humanistic Geography; Rural Sociology.

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: gabriel.d.coelho@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Francisco de Assis Penteadó Mazetto.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo central do trabalho está em compreender as novas ruralidades, a partir da discussão dentro da sociologia rural, a análise da paisagem e o método de desenvolvimento sobre o conceito do neo-ruralismo. Na primeira parte, será discutido como o tema da paisagem laçada com a cultura, é a base para uma leitura fenomenológica sobre o espaço. No item 2, o campo de estudo será apresentado, ligando o levantamento da área e o processo socioeconômico do local com os acontecimentos históricos que comprovam a ruralidade presente. No decorrer do trabalho, o conceito do neo-ruralismo será apresentado como um processo, com suas impressões e características no Brasil.

Logo, a análise em campo apresentando as observações, questões levantadas e diálogos participativos vão ajudar a aprofundar as elaborações teórica e fenomenológica da pesquisa. As impressões da ida a campo serão relatadas. Junto à experiência, serão aplicadas teorias que ajudem a identificar características diferentes que determinados grupos de sujeitos que vivem na região apresentam.

A ideia adiante é fazer uma sociologia compreensiva² através da reflexão da paisagem cultural do campo e os tipos neo-ruralistas, e, dessa forma, articular os modelos que aparecem na região e as questões divergentes de cada grupo que podem conter no tema proposto, mas, que em síntese, tem semelhança nos traços e valores ruralistas.

O estudo sobre o neo-ruralismo começou quando a sociologia rural questionava as características dos indivíduos que viviam nas cidades do interior em um período de profundos processos de mudanças. A partir dos anos de 1950, a modernização da agricultura, carregada pela bandeira verde da inovação tecnológica dos campos e a expansão econômica capital, é entendida como marco decisivo na transição do mundo rural para um mundo industrial e urbano. Esse processo imprime novas dinâmicas de estruturação e interação da ruralidade, centrado nas potencialidades do mundo rural, caracterizando uma perspectiva moderna em forma de sociedade capitalista com uma economia de caráter rural.

Segundo o sociólogo Gian Mario Giuliani (1990) – um dos pesquisadores do fenômeno do neo-ruralismo na região serrana do Rio de Janeiro – a modernização do espaço rural “tentou acompanhar a organização produtiva da vida social no campo remodeladas pela indústria e a cidade”. Para ele, a sociologia rural sempre tentou se preocupar com os resistentes hábitos e partes da sociedade que pareciam entrar em extinção: “As especificidades do campo iam aos poucos, ou rapidamente, se reduzindo”, e conforme o tempo “apareciam somente em algumas poucas dimensões dos processos produtivos que, embora já fortemente atingidos pela nacionalidade capitalista, ainda dependiam em grande parte daquela ‘natureza’ que a cidade já havia esquecido”.

De toda forma, para arriscar na produção do conhecimento sobre a dinâmica de acontecimento das atuais sociedades rurais, é preciso um deslocamento geográfico para o campo e o olhar profundo para o entendimento dos sujeitos em seus contextos de vida. Para caracterizar a complexidade e estabelecer linhas de pensamentos que permitam quebrar com a marginalidade do cotexto rural, é preciso estabelecer as percepções através da imersão como experiência do pesquisador no campo e o olhar especificamente sensibilizado para teoria disponível.

Talvez a primeira experiência do pesquisador de campo – ou *no* campo – esteja na domesticação teórica de seu olhar. Isso porque, a partir do momento em que nos sentimos preparados para a investigação empírica, o objeto; sobre o qual dirigimos o nosso olhar, já foi previamente alterado pelo próprio modo de visualiza-lo. Seja qual for esse objeto, ele não escapa de ser apreendido pelo esquema conceitual da disciplina formadora de nossa maneira de ver a realidade (OLIVEIRA, 1988, p.19)

A reflexão por meio da experiência no campo pode significar uma articulação dos sentidos e dos valores trabalhados nos significados culturais e também adentro dos fatos sociais. É importante estabelecer uma relação entre a observação da realidade e a interpretação da paisagem cultural. O deslocamento geográfico pode posicionar o campo para a compreensão da estrutura sociocultural, herdada dos laços que ligam o presente e a herança do passado.

² A sociologia compreensiva de Max Weber é um método das ciências sociais que se propõe a entender e interpretar para em seguida explicar a ação social.

2. A CONCEPÇÃO DA PAISAGEM CULTURAL

A paisagem cultural no espaço urbano/rural tem uma dinâmica própria com o significado acerca dos que vivem aquele local, a modificação esta na influência das relações que são construídas nessas áreas. As questões que emergem nas áreas das ciências humanas como um todo se aproximam dos pressupostos da ciência geográfica como um estudo cultural da paisagem, ao tentar aprofundar a compreensão totalizante do meio ambiente.

A paisagem é uma marca, pois expressa uma civilização, mas é também uma matriz, porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação, - ou seja, da cultura, que canaliza, em certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza e, portanto, corresponde a paisagem do ecúmeno. (BERQUE, 1998, p. 239)

Berque (1998) apresenta a categoria da paisagem como um fenômeno de várias modalidades e concepções culturais que formam o sujeito que vive em determinada paisagem. Enquanto fenômeno vivido, entende as estruturas e os cenários possíveis que podem processar sobre as diferentes maneiras de olhar e atribuir os significados para cada expressão cultural. A paisagem tem diversos procedimentos que aparecem de acordo com a explicação dos sujeitos que vivem o campo, e também é decididamente perceptível para o pesquisador quando considera a paisagem um dado sensível.

Assim também é para Santos (2002), que se refere ao conceito da paisagem como "o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas reações localizadas entre homem e natureza". Conforme dito aqui, entende-se que a paisagem é ação da temporalidade que reage a uma transformação.

De fato, para compreender uma paisagem é necessário pensá-la como um fenômeno histórico que carrega uma série de tempos historicamente diferentes e que pelo processo humano foram sobrepostos. É importante ter essa noção para que a reflexão histórica, junto com os olhos do observador, valorize a dinâmica da historicidade da paisagem.

Não podemos formar uma ideia de paisagem a não ser em termos de suas relações associadas ao tempo, bem como suas relações vinculadas com o espaço. Ela está em um processo constante de desenvolvimento ou dissolução e substituição. Assim no sentido corológico, a alteração da área modificada pelo homem e sua apropriação para o uso são de importância fundamental. A área anterior à atividade humana é representada por um conjunto de fatos morfológicos. As formas que o homem introduziu são um outro conjunto. (SAUER, apud DIAS, p. 35)

A concepção da paisagem modificada pelas mãos do homem reúne um conjunto de fatores que com possibilitam interpretar valores e expressões que se estruturam na região. Os conteúdos culturais junto com o ambiente vivido dos novos rurais permitem um tema que constitui uma inspiração para o homem com o local. O ambiente rural em questão pode refletir o processo promocional da paisagem, natural ou cultural e a inter-relação estabelecida pelas modificações do território pela ação humana.

A dinâmica da paisagem traz formas e traços culturais que podem determinar as ações humanas, principalmente para os que vivem e criam significados com o local. A reflexão sobre o neo-ruralismo encaixa como um modelo de afinidades lineares com o espaço cultural, a partir da observação dos significados que os sujeitos podem dar para determinadas paisagens, em específico o espaço rural. Adiante, a linha de explicação poderá ser mais compreendida, quando tratarei da dinâmica que ocorre com os neo-ruralistas da cidade de Paty de Alferes.

3. O LEVANTAMENTO DA ÁREA DE PATY DE ALFERES E ACONTECIMENTOS HISTÓRICOS

O estudo de caso apresentado foi realizado em uma região localizada no Vale do Café, no centro-sul do estado do Rio de Janeiro. A cidade de Paty do Alferes fica a 120 quilômetros da capital carioca e situa-se em uma altitude de, aproximadamente, 650 metros em relação ao mar. A proximidade do município com a Serra das Araras é bem perceptível, principalmente pelo seu clima tropical de altitude. Devido à combinação de altitude, vegetação densa e topografia de vale, onde se projetam colinas, rios, matas e açudes, revela o esplendor de uma natureza privilegiada, mesmo que não sejam matas primárias, devido ao avanço da cultura agrícola. Ainda hoje é uma região que estabelece uma relação ambiental equilibrada.

Em pouco tempo, a cena de chegada na região vai dando forma a uma paisagem que carrega a herança do passado com as demandas do presente. As estradas são estreitas, com declives e aclives, com curvas rodeadas por antigas construções rurais e pelos pastos de gado que disputam espaços e, ao mesmo tempo, se relacionam com a vegetação remanescente. Ali, percebem-se expressões relacionadas à cultura do campo, como a serenidade de um povo calmo e determinado a levar uma vida que busca uma comunhão e harmonia com o meio rural.

A história de Paty do Alferes começa no século XVIII, com a abertura do caminho novo para o escoamento do ouro de Minas Gerais ao Rio de Janeiro. A região sempre foi destaque pela herança dos engenhos de grande porte que acumularam riquezas perceptíveis nas casas grandes da região, algo que só aumentou de acordo com cada ciclo econômico do país.

A região é um dos berços da ocupação do interior do estado, de acordo com registros de jornais e escritos antigos encontrados no Centro Cultural do município. Existem relatos de grandes estudiosos da história do Brasil, como Monsenhor Pizarro, Frei Antonil, Alberto Lamego, José Matoso Maia Forte e Auguste de Saint-Hilaire, que demonstram a relevância da história do município na colonização da região do Vale do Café.

O cientista Auguste de Saint-Hilaire passou pela região em 1823 e a descreveu no livro *Viajem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*, relatando minuciosamente as construções, os hábitos e as tecnologias usadas para a manufatura do açúcar nas fazendas e engenhos da região. A plantação de café substituiu rapidamente a cana-de-açúcar, com intensa derrubada de florestas virgens. O clima propício, as terras férteis nunca antes cultivadas, adubadas pelas cinzas das queimadas e a mão de obra composta na maior parte por escravos africanos jovens foram os fatores que permitiram a alta produtividade das lavouras de café de Paty do Alferes no meio do século XIX. Os lucros foram crescentes com o aumento contínuo do consumo de café na Europa e nos Estados Unidos, o que tornou os fazendeiros da região pessoas muito ricas (VIAJE MAGAZINE, 2003, p.13)

A história econômica da região de Paty do Alferes é registrada em quatro ciclos econômicos: o da madeira e da cana de açúcar (de 1739 a 1830), o de café (de 1830 a 1920), o da pecuária (de 1920 a 1950) e o de tomate (a partir de 1950). Na verdade, o ciclo do tomate é parte do grande desenvolvimento da produção de hortaliças que teve início na construção da rodovia para capital carioca, na década de 1950. De fato, a principal forma de atividade econômica do município, segundo os produtores locais, é olericultura. Além do tomate, no qual Paty do Alferes ocupa um lugar de destaque como um dos maiores produtores do país, o município produz também tem forte agricultura de pimentão, repolho, abóbora e pepino.

É importante ressaltar que, em alguns registros socioeconômicos mais antigos (SEBRAE-RJ), estima-se que 70% da produção agrícola da região são de obra familiar e 30% é contratada. Com isso, entra o destaque de um dos elementos mais importantes na interpretação da interface rural/urbana: a existência de uma cultura que dá valor aos antigos hábitos e laços familiares do velho mundo rural.

O diagnóstico sociocultural feito pelo SEBRAE-RJ no ano de 2000, já constata que a taxa de urbanização na região centro-sul e em Paty do Alferes, especificamente, é um fenômeno de destaque nas últimas décadas, e sugere que esta localidade está sofrendo atualmente pressões cada vez mais típicas de um processo de urbanização recente e acelerado.

Essa nova interação e a transição de populações recém-saídas do meio urbano para o rural para (principalmente de grandes centros como o Rio de Janeiro) que tem voltado à região com outros olhos, enxergando no município suas potencialidades de garantir a expansão das unidades produtivas capitalistas. Este novo cenário criou uma demanda por novas habitações, centros comerciais, educacionais e voltados para o lazer.

Paty do Alferes é uma típica cidade serrana do estado do Rio de Janeiro. Segundo contam as narrativas orais, as potencialidades da região, como o clima ameno e a paisagem aprazível e propícia para o descanso, contribuíram para a valorização e aproveitamento por celebridades do passado, que buscavam refúgio para o caos da cidade grande. As redes de hotelaria valorizam o traço bucólico do campo: casarões são comprados para servirem como estalagens de veraneio, pousadas e a para valorização serrana dentro da tradição rural.

Por meio da pesquisa, percebe-se como é grande a afluência de veranistas em determinado período do ano. Os elementos naturais como o clima, a topografia e a vegetação, apresentam atrações naturais como: o Caminho do Imperador, Cachoeira Boa Esperança, Cachoeira Manga Larga de baixo e a Queda d'água da Maravilha, que entram em sintonia com as manifestações culturais como, por exemplo, a exposição de orquídeas e bromélias, as Festas do Tomate e do Doce, todos anuais. A preservação da arquitetura local também contribui com a tradição camponesa.

Nota-se uma riqueza patrimonial do município e conseqüentemente de nossa história, como o Centro Cultural que, mesmo pouco movimentado, tenta resgatar as informações históricas da região e expõe as produções de artesanato e artísticas do município. O Museu da Cachaça recupera a tradição proveniente da sociedade açucareira. Não poderia deixar de mencionar a Aldeia de Arcozelo, cujo funcionamento passou por diversos ciclos, desde uma casa grande no século XVIII, até um centro de arte idealizado pelo embaixador Paschoal Carlos Magno. A Aldeia é rica em história arqueológica, sua existência passou por conflitos e serviu como residência escrava no Brasil colônia, com destaque para a liderança de Manuel Congo que reuniu sob sua liderança escravos fugitivos de diversas fazendas da região, tendo sido preso e enforcado em 1839.

Todo caminho percorrido historicamente na região, revela a importância da movimentação do mundo rural que era no passado. Com esse acontecimento compartilhado e previamente alterado pelo próprio modo de visualizar a investigação empírica em campo, as considerações iniciais dos acontecimentos podem formar a noção sobre os suspeitos neo-ruralistas que frequentam a região, ou seja, é possível perceber e estabelecer uma conexão inicial entre a teoria e o campo pesquisado.

Posteriormente, será elaborado um entendimento sobre neo-ruralismo como um processo que ocorre a partir das modificações entre o espaço rural e urbano. A partir da reflexão sobre os acontecimentos históricos, os tipos de neo-rurais começam a expressar mais significado e assumem um papel próprio para a construção da teoria social.

4. O NEO-RURALISMO COMO UM PROCESSO

Segundo a geógrafa Elizandra Ferreira Dias³, alguns estudos com a perspectiva marxista analisam a interface entre urbano e rural através do modo de produção capitalista, não levando em consideração os fatores sociológicos e culturais que fazem parte daquele processo. Não havia dúvida de que o fator econômico era a principal engrenagem das intensas modificações no campo e na cidade, principalmente após a revolução industrial. Todavia, existe um fenômeno na modernidade, que não considera fator econômico por essência, mas também envolve questões da ordem social e cultural. Mas ainda é levando em conta que o fator econômico se evidencia no neo-ruralismo, pois dá acesso para adquirir uma propriedade rural,

Para compreender de forma mais abrangente o fenômeno do neo-ruralismo, temos que buscar uma perspectiva sociológica e cultural que valorize o ambiente campestre em sua dimensão simbólica. Pessoas de zonas urbanas que pretendem fugir do estresse dos grandes centros e da insalubridade decorrente, buscam pelo campo, primeiro com visitas esporádicas até que se tornem regulares e adquiram uma residência para o final de semana. É nesse processo que estabelece o fenômeno conhecido como neo-ruralismo.

Segundo Dias (2013), os chamados neo-rurais são caracterizados como indivíduos que procuram resgatar os significados quase perdidos da vida no campo, mas não necessariamente trabalham com as atividades voltadas para o campo. O principal seria o suposto maior contato com a natureza, já que a vida nas cidades grandes cercou os indivíduos em um mundo artificial e mecânico, desprovido de vegetação e da sensação harmônica com os fatores climáticos. Nessa perspectiva também se encontra, por vezes, mas nem sempre, as preocupações dos movimentos ecológicos. A simplicidade da vida material, a pouca dependência da vida artificial que compõe a vida urbana e o valor de recuperar o ritmo do campo, menos agitada, aberta para diálogo entre as pessoas, onde o tempo novamente pode ser ponderado, ou melhor, a autodeterminação das relações com o próprio tempo.

No Brasil, existem estudos que mostram o mundo rural como uma nova modalidade que não mais se identifica exclusivamente com a cultura agrícola. A característica nova é relacionada à pluralidade, que baseia a combinação da agropecuária com outras atividades econômicas e culturais que envolvem o aumento da procura desses lugares como fonte de qualidade de vida, recreação, em um mundo cada vez mais globalizado.

O já citado sociólogo Gian Mario Giuliani (1990) – um dos pesquisadores motivados pela geografia cultural e influenciados por uma sociologia rural – analisou a movimentação da região serrana do Rio de Janeiro, onde uma parcela de citadinos começou a se deslocar para regiões como Nova Friburgo, Teresópolis, Petrópolis e Vassouras no intuito de resgatar hábitos de lazer e produtividade, conservando os traços culturais e sociais de seus primeiros habitantes e onde se desfruta a suposta simplicidade da vida rural.

³ Elizandra Ferreira Dias produziu uma dissertação de Mestrado sobre o fenômeno do neo-ruralismo.

Na prática, o neo-ruralismo expressa a ideia de que uma série de valores típicos do velho mundo rural, e que se pensava estarem em vias de extinção, passam por um certo revigoramento e começam a ganhar para si a adesão de pessoas da cidade. A volta às relações diretas com a natureza, a ciclos produtivos e tempo de trabalho mais longos e menos rígidos, ao ar puro e à tranquilidade, assim como o desejo de relações sociais mais profundas e, sobretudo, da auto-determinação, são as dimensões que atraem pessoas da cidade ao campo; assim como outrora as luzes da cidade atraíram a população do campo. (GIULIANI, apud DIAS, p. 68)

O processo da descentralização marca a nova fase da relação campo-cidade e origina uma concentração urbana e rural que passa a difundir com o elemento de integração espacial, ou seja, é evidente que esses movimentos começaram a modificar a estrutura socioeconômica das cidades, visto que originaram um novo estilo de vida da população.

Estudar o neo-ruralismo no Brasil demanda compreender como o fenômeno se expressa em campo, para depois ser capaz de adentrar em uma dimensão crítica compreensível, ou tentar estabelecer barreiras na ruptura com os valores dominantes, ou seja, a mentalidade “moderno-desenvolvimentista” imposta na sociedade, principalmente pelos modelos industriais-urbanos que fazem parte da expansão para o novo espaço rural. O importante é a capacidade de propor uma visão além; reavaliar e reconsiderar o campo como espaço de oposição da dicotomia do “tradicional/moderno” e “industrial-atrasado”.

Na verdade, está cada vez mais difícil delimitar o que é rural e o que é urbano. Mas isso que aparentemente poderia ser um tema relevante, não o é: a diferença entre o rural e o urbano é cada vez menos importante. Pode-se dizer que o rural hoje só pode ser entendido como um “continuum” do urbano do ponto de vista espacial; e do ponto de vista da organização da atividade econômica, as cidades não podem mais ser identificadas apenas com a atividade industrial, nem os campos com a agricultura e a pecuária. (GRAZIANO, apud DIAS, p. 29)

O que tem a ver com a procura do campo pelos neo-ruralistas, a interface urbana e rural, está na procura por anseios de um novo ideal de vida. Esse movimento é motivação para aqueles que têm por objetivo resgatar os valores antigos da sociedade rural e atributos que só a vida no campo pode oferecer.

Mas, quais são os motivos que fazem os neo-ruralistas quererem resgatar valores antigos? No Brasil, o crescimento das cidades e o êxodo rural são fenômenos relativamente recentes no processo histórico do país. Segundo Dias, há apenas três gerações o país tinha maioria da população vivendo no campo. Isso quer dizer que a maioria da população adulta tem suas ancestralidades nas raízes do mundo rural.

Não é estranho que os providos social e economicamente busquem adquirir pequenas propriedades rurais para exaltar os valores e significados do modo de vida que eram fruto de seus antepassados.

Os elementos simbólicos da ruralidade junto com a paisagem cultural marcam a ideia bucólica da volta à origem dos antepassados, que agora é apresentada como objetivo de vida. O espaço campestre, por vezes considerado atrasado, revela um espaço atrativo para uma classe privilegiada que almeja uma vida bucólica, menos estressante e menos corrida da que levam nas cidades grandes.

No próximo item, a vida exaltada no campo pode acontecer de formas distintas dentro das categorias de neo-ruralistas. Mesmo separados por grupos, suas dinâmicas têm uma semelhança: a conexão com os valores rurais. Todavia, estabelecem impulsos e motivações diferenciadas no espaço vivido.

5. OS TIPOS NEO-RURALISTAS E SUA DINÂMICA NO MUNICÍPIO DE PATY DO ALFERES

Como pesquisador, é importante retirar sensivelmente as evidências intuitivas, empíricas e compreensivas da teoria de ação social dos neo-ruralistas, junto com os variados comportamentos e modos que orientam a conduta vivida no espaço social e cultural. A sociologia rural compreensiva proporciona o entendimento das construções de *tipos* que criam conexões e sentidos de orientação, seguidos de diferentes valores e classificações que se expressam nas camadas sociais junto com o meio rural.

Os neo-ruralistas não podem ser considerados um grupo homogêneo. Há neles uma diversidade de grupos sociais e culturais, mesmo que pertençam a uma mesma classe privilegiada economicamente. A

socióloga Maria José Carneiro⁴ (que ressalta os estudos das ruralidades em diferentes contextos) contribui com uma classificação de *tipos* de moradores neo-ruralistas que mais adiante serão desvendados.

O objetivo da compreensão sociológica significa em todos os casos uma apreensão interpretativa do sentido ou da conexão de sentido que se estabelecem nos processos. Assim, a interpretação dos fatos pretende alcançar as evidências que sejam compreensíveis: os “impulsos” e as “motivações”. A justificativa do trabalho é buscar os elementos que motivam e impulsionam os neo-ruralistas ao campo.

A identificação dos elementos que constituem esse novo homem rural demanda uma observação profunda e o *ouvir* das histórias que cada pessoa tem com a terra. A aproximação acarreta o diálogo, e esse momento é o melhor para poder compreender como os moradores da área percebem, consideram e valorizam a paisagem e, principalmente, o ambiente no qual estão inseridos. “Assim como nos ensinam as mais laicas das ciências, é o outro, é o seu olhar, que nos define e nos forma” (Umberto Eco, pag. 83).

Segundo o antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira, a teoria social pré-estrutural seleciona o nosso olhar e sofisticada a nossa capacidade de observação. Na intenção do pesquisador, no ato de ouvir o informante, é possível receber uma bagagem para pesquisa e exercer uma valorização extraordinária sobre o mesmo. Cria-se um diálogo carregado de características elementares com o campo de interação, ao passo que transforma esse informante em “interlocutor”.

Para aprofundar o entendimento nessas relações típicas e distintas de cada homem, a pesquisa em Paty de Alferes identifica brevemente, segundo a classificação da pesquisadora Maria José Carneiro, três tipos de novos rurais que procuram o campo por uma opção de vida e o investe impulsos diferentes.

Vale lembrar que categorias como “nativos” demandam outra estruturação em relação ao ambiente, sendo assim, o trabalho traz apenas uma análise do “outro”, de quem chega à região.

A partir da análise dos conceitos e das impressões retiradas em campo, foram verificados os seguintes tipos:

- 1º tipo: **extrativistas** atraídos pelo ambiente harmonioso social, muitas vezes antigos veraneios que, no início, não moram no campo em tempo integral. Têm situações economicamente favoráveis e adquirem uma propriedade rural/urbana para passar o final de semana, e mais tarde, podem fixar a residência em definitivo na área propriamente dita. Essa característica pode ser notada em sua constituição física, quando percebemos o número de residências com piscinas e quadras esportivas, que estão reservadas para recreação nos finais de semana e vazias durante determinado período. É importante dizer que esses neo-rurais nem sempre estão interessados em desenvolver uma atividade rural, seja na agricultura ou pecuária. Também não necessariamente criam relações próximas com os nativos (moradores tradicionais). Esses extrativistas geralmente não movimentam de forma significativa a economia local. Por vezes, estão interessados em extrair as potencialidades do local para proveito próprio, sendo assim carregam um impulso e motivação recreativa, uma relação com um estímulo não-cotidiano, e condicionada aparentemente de um estado emocional bucólico do campo. Aquele que se limita apenas a usufruir da recreação que encontra na paisagem cultural na localidade e em seu entorno.
- 2º tipo: **comerciantes** que têm sua importância, especificamente, na movimentação da economia local. De modo geral, é aquele que suprirá as demandas na região. Sabe-se que os veraneios visionários, que conheciam a terra muito bem, conseguiram enxergar as motivações e as necessidades futuras de abastecer o mercado cultural do município. Para distinguir o tipo de comerciante, é necessário compreender as variadas demandas, que vão de uma mercearia até um hotel. Porém, esse típico novo rural carrega a fundo um traço de valorização simbólica do local em seu comércio, como, por exemplo, um bistrô próximo à antiga estação ferroviária e cafés rústicos de Paty de Alferes. Podemos notar também que os hotéis-fazenda e as pousadas carregam características bucólicas marcantes. O investimento na economia local tem um impulso mercadológico, suas motivações estão em orientar ações pelos meios de oportunidades produtivas, que, por sua vez, são relacionadas com referência a valores tradicionais que vão penteando a cultura local.
- 3º tipo: **ambientalistas** que demonstram realmente sua vocação e união com a terra. Seu objetivo muitas vezes é a extração e o proveito próprio, como por exemplo, uma pequena produção orgânica de café,

⁴ Socióloga que estudou sobre o neo-ruralismo em localidades como Teresópolis e Nova Friburgo RJ.

tomate e outros tipos. Porém, diferente daquele extrativista, o ambientalista está preocupado em reproduzir um ofício que retira da terra suas qualidades e potencialidades, reunindo novos hábitos, novas maneiras de morar e produzir. Muitas vezes, sem danificar a estrutura original da paisagem, que mobilizou esse mesmo homem a voltar a terra, ou seja, seu objetivo é manter a tradição. Por meio de “interlocutores” e do contato com outros estudos sobre a área do campo agrário, identifica-se como ambientalista aquele que estabelece uma ação social referente a um comportamento “reterritorializado”⁵. A sobrevivência dos costumes e o vínculo forte aos valores da ancestralidade rural, a volta da relação direta com o meio natural e o tempo de trabalho longo para produção são marcas especiais da busca por um novo ritmo de vida e, conseqüentemente, o trabalho e a forma como é construído esse tempo de produtividade essencial.

Torna-se interessante observar esses grupos diferenciados, mostrando que, mesmo pertencendo a uma mesma categoria de análise, se diferem muito por determinados impulsos e motivações com o campo rural. Com a observação de campo em Paty do Alferes, podem ser notados esses tipos e as relações presentes que se dão nos processos da ruralidade contemporânea na região.

ENTREVISTA PARA PESQUISA

Para colaborar com a análise, o trabalho fez um campo exploratório preliminar apenas em um tipo específico de neo-ruralista. Foi realizada uma entrevista com um colaborador que se enquadra na descrição do tipo “comerciante”. Por meio de visitas em campo e junto com a necessidade de entender as motivações que envolvem seus impulsos, só por meio do diálogo conseguimos aprimorar o conhecimento para aprimorar na teoria. O que foi transcrito tem a finalidade de permitir uma noção melhor do tema da pesquisa em campo.

Antes de qualquer coisa, a ideia do “comerciante” com outros olhos tem que ser compreendida a partir de aspectos que fazem desse negociador uma espécie diferente do que é conhecido como comerciante comum. Seu impulso mercadológico não tem a finalidade de literalmente movimentar a economia e um trabalho constante; a ideia é conciliar a qualidade de vida e o trabalhar com que gosta. Juntar o útil ao agradável faz parte dos impulsos e das motivações que os neo-ruralistas buscam relacionar através de novos costumes.

A partir de um conhecido em comum, consegui marcar um encontro na casa do Barbosa (sobrenome do entrevistado). A entrevista se deu em um ambiente harmonioso e descontraído, onde pude conhecer a residência e também o bistrô que se encontra no mesmo local. Sem utilizar de questionários ou questões estruturadas, tudo ocorreu de forma impessoal, em que a conversa aberta fez toda a diferença para receber as informações e os complementos mais interessantes para a pesquisa.

Dessa forma, o que é transcrever? De acordo com o dicionário Houaiss (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2009, p. 1866) transcrever é “escrever novamente (um determinado conteúdo) em outro lugar; transladar, copiar, reproduzir” ou “passar para o papel ou equivalente (algo) que está sendo ouvido (p. ex., um texto de discurso, uma música, etc.)”. Ou seja, após o diálogo em campo, transcrevi a fala do sujeito para o texto acadêmico.

Levei um modelo de perguntas semiestruturadas para entrevista, que elaborei com a finalidade de provocar uma suspeita resposta para afirmar as deduções sobre o tipo neo-ruralista “comerciante” estudado.

Texto transcrito da entrevista:

GABRIEL – Como começou sua história com a região?

BARBOSA – Bem, eu tinha um amigo, que era meu sócio... Na verdade, eu sempre fui da praia e tinha uma casa em Búzios. E esse meu amigo, o pai dele já tinha uma casa em Paty de Alferes. Quando ele começou a ganhar dinheiro, ele comprou um sítio ao lado da casa do pai. A partir disso, comecei a dividir minhas idas a Búzios com Paty. Na época vinham muitos amigos para o sítio, nisso acabei me apegando com a cidade, por diversão e para passar temporada de inverno, foi assim que conheci melhor a cidade... Mas, no começo, não

⁵ A reterritorialização caracteriza-se por ser um processo onde o Homem vai adaptar-se aos novos territórios, tornando-se um agente ativo do (novo) território.

fazia nenhum plano de ir morar aqui, a verdade é essa... (risos) Não foi uma coisa pensada, foi algo que aconteceu muito tempo depois.

Qual eram suas ocupações antes?

Desde muito jovem comecei a trabalhar no mercado financeiro (compra e venda de títulos), a minha vida inteira eu trabalhei com isso.

O que mais influenciou sua saída da cidade grande e sua ida para o mundo do interior?

A história real é a seguinte: eu tinha me separado e uma filha mais jovem morava em Petrópolis. Na verdade, quando pensei em sair do Rio de Janeiro tinha me programado para morar em Petrópolis. Ela estudava e morava um pouco distante do colégio, então minha ideia era ir morar com ela para dar uma força e apoio... Bom, depois eu pensei o seguinte: ela vai estudar e crescer e mais tarde vai ter que ir para uma faculdade no Rio, não tem jeito... (risos) Foi quando apareceu essa casa aqui que eu comprei em Paty do Alferes, aí eu desisti de morar em Petrópolis, porque eu pensei: “cara, vou morar em Petrópolis e vou ficar sozinho e lá não conheço ninguém!” E aí me aparece uma casa que vai fazer 100 anos agora em 2019 (eu, que adoro coisa antiga)... Aí foi uma grande oportunidade, perto do centro da cidade, um terreno grande... Quer dizer, aconteceu por acaso minha ida pra Paty, não foi uma coisa pensada.

Quais são suas motivações e projetos com o local?

As motivações são exatamente a tranquilidade e o baixo índice de violência, isso foi uma motivação legal. Eu já estava no Rio de Janeiro me sentindo acuado... No futuro, eu gostaria de contribuir na área cultural daqui... Estou até tentando trazer um projeto pra cá, isso é em primeira mão que estou dizendo... (risos) Que é um projeto de cinema. Eu tenho uma amiga de 70 e poucos anos – que já fez mais de 50 filmes e foi musa do cinema brasileiro – que disse para mim: “Paulo, por que não fazer uma amostra cultural de cinema na serra?” Então, é um projeto que estou tentando tocar e desenvolver. Minha ideia é fazer em toda essa região, nessas cidadezinhas... Como já tem outros lugares festivais de cinema como Gramado e Belo Horizonte, por exemplo... A ideia é essa, movimentar essa parte cultural e incentivar os jovens da região a fazer curtas na cidade, premiar com viagens, sei lá, eu tenho essa esperança, apresentar esse mundo do cinema. A ideia do bistrô foi a partir da casa de 100 anos que tinha outra casa do caseiro ao fundo. Comecei a reformar e vi que era um lugar bem legal, eu mesmo fazendo as coisas, que também era uma forma de ocupar meu tempo, mexendo com as madeiras... Até que um dia um amigo meu falou: “cara isso está muito legal, precisamos abrir para o público!” Ah, um detalhe: eu sempre gostei de culinária, colecionava revistas de gastronomia antes mesmo de virar uma moda como está hoje em dia. Então, esse amigo meu falou para inaugurarmos o local e chamou um monte de pessoas. Fiz uma noite de massas que foi um sucesso e caiu no gosto... Aí, vai virar o que, “Barbosas Bistrô”? Ou seja, foi por acaso... E, detalhe, trouxe muita gente de fora para Paty de Alferes, maioria da clientela não era daqui, minha clientela inteira é veranista, que tinha casas aqui, Miguel Pereira e Vassouras, esse é o pessoal que frequenta aqui.

Após a entrevista, ele me mostrou o espaço rústico do Barbosas Bistrô (no anexo tem fotos do local). Depois disso, agradei pela colaboração. Notam-se alguns pontos interessantes que assimilam com as deduções estabelecidas sobre os neo-ruralistas, principalmente a respeito dos impulsos e das motivações em relação à mudança para região serrana, como: contato com o “antigo”, tranquilidade, descanso, diversão, lazer e segurança. Ou seja, tudo está relacionado com a oportunidade de buscar uma qualidade de vida com o espaço basilar da ruralidade.

Desse jeito, pode-se perceber que nesse caso (com prováveis semelhanças com outros) as idas no início em busca de fugir do caos urbano da grande cidade foram causa para criar uma relação de afinidade com a região. E, também, a visão da oportunidade que fornece o pretexto para estabelecer uma ação, semelhante aos novos e antigos costumes e valores do mundo rural que podem movimentar os propósitos culturais da região.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A teoria sobre o neo-ruralismo aplicada em campo não podia ter um lugar melhor do que Paty do Alferes, uma cidade tranquila e calma da região serrana no interior do Rio de Janeiro, mais movimentada apenas

quando ocorrem festas e encontros locais, trazendo pessoas de fora que buscam se envolver com a cultura e a sociedade da região, resgatando um lado basilar da ruralidade, próximo aos elementos que comprovam significados e valores culturais dos antepassados que viveram e vivem na região.

As contribuições da pesquisa para o campo da produção de conhecimento estão dentro do universo rural e agrário. O trabalho apresenta uma construção teórica sobre a paisagem cultural e, a partir da experiência do olhar no campo, foi possível estabelecer uma ligação com o fenômeno estabelecido. A partir de uma pesquisa de relatos históricos, consegui me aproximar da ideia de como a cultura pode ser penteada em determinado local, ainda mais como a história oral pode refinar a adaptação das experiências e conexões elaboradas com a teoria. Logo, entende-se a cultura envolvida com as ações sociais dos indivíduos.

O conceito apresentado sobre neo-ruralismo tem como meta o exercício de compreensão pela prática vivida, isto é, os conceitos teóricos com a vivência cotidiana. Desse modo, o trabalho teórico e o estudo de campo envolvem a necessidade de aprofundar ainda mais nas dinâmicas que ocorrem sobre o fenômeno cotidiano das novas ruralidades.

A temática da sociologia rural sempre demanda novas questões e produção de conhecimento. De certa maneira, é preciso um aprimoramento da interpretação das relações diárias que os neo-ruralistas estabelecem. Desvios de comportamentos em relação a impulsos e motivações podem ocorrer, essencialmente, a respeito da presente e relevante dinâmica do mundo contemporâneo, cada vez mais globalizado. O global influencia no novo ambiente rural/urbano, e assim reflete na identidade daquela sociedade, a qual, por sua vez, cabe reestruturar a leitura do valor memorial da cultura rural, passível de acontecer com o diálogo com a população de extensão.

REFERÊNCIAS

BEDIM, B. P.; TUBALDINI, M. A dos S. **A chegada do “outsider” ao rural-paraíso: Novos atores e relações sociais e econômicas no contexto turístico da Serra de Ibitipoca (MG).** AGRÁRIA, São Paulo, Nº 5, pp. 3 – 39, 2006.

BERQUE, A. **Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural.** In: CORREA, R. L. e ROSENDAHL, Z. Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: Ed. UERJ. P. 84-91.

CABRAL, L. O. **A paisagem enquanto fenômeno vivido.** Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFSC. Geosul, Florianópolis, v.15, n.30, p 34-45, jul./dez. 2000.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever.** In: O trabalho do antropólogo. Brasília: paralelo 15; São Paulo: Unesp, 2000.

CARNEIRO, Maria José. (coord.) **Ruralidades Contemporâneas.** Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2012.

DIAS, Elizandra Ferreira. **“Estudo da Interface Rural/Urbana e o Neo-ruralismo no Brasil: do Vale do Paraíba ao Bairro Joazal” Dissertação de Mestrado.** Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFJF, 2013. Disponível: <www.ufff.br/ppgeografia/files/2014/01/ELIZANDRA-DissertacaoFinal.pdf>. Acesso em: jan. 2017.

GIULIANI, Gian M. **NEO-RURALISMO: o novo estilo dos velhos modelos.** Disponível em: <www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_14/rbcs14_05.htm>. Acesso em: jan. 2017.

HOUAISS, A. VILLAR, M. de S.; FRANCO, F. M. M. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

SEBRAE-RJ. **Diagnóstico Socioeconômico;** Paty do Alferes. Novembro de 1999.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Edusp.

TRIBUNAL DE CONTAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO; **Estudo Socioeconômico**. Paty do Alferes. Outubro de 2007.

WEBER, M. **Economia e Sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. 4. Ed. Vol. I e II. Brasília: Ed. UnB, 2000.

ANEXO

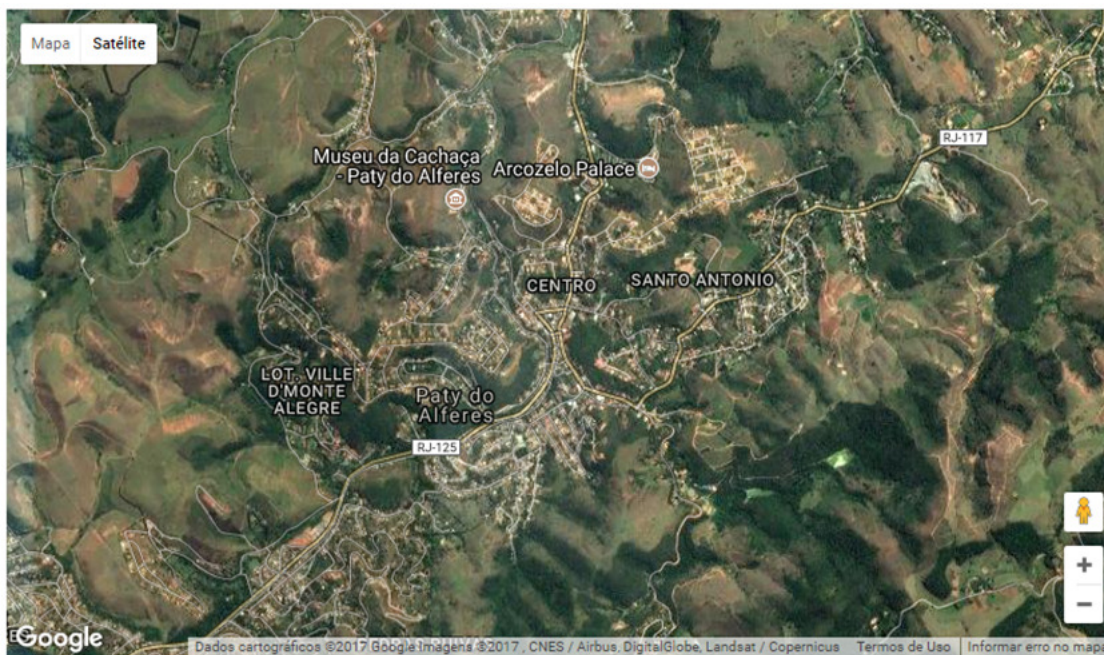


FIGURA 1 – Mapa via satélite do município de Paty de Alferes.

FONTE: Google Maps, 2017.



FIGURA 2 – Fotografia do Centro Cultural Maestro José Figueira, cuja biblioteca ofereceu registros históricos que auxiliaram na pesquisa sobre o município.

FONTE: Arquivo pessoal, 2017.



FIGURA 3 – Fotografia tirada da antiga estação ferroviária do município que hoje faz parte da praça central e ocasionalmente abriga feiras e exposições.
FONTE: Arquivo pessoal, 2017.



FIGURA 4 – Fotografia tirada de uma cafeteria chamada “Roça e Arte” que oferecia uma lanchonete e café artesanal. No entanto, as atividades estão paralisadas.
FONTE: Arquivo pessoal, 2017.



FIGURA 5 – Fotografia tirada da rua de acesso ao bairro Goiabal, onde se encontram muitas residências de veraneio.
FONTE: Arquivo pessoal, 2017.



FIGURA 6 – Fotografia tirada no alto de uma rua do bairro Goiabal, onde tem muitas casas com área de lazer, e ao fundo no canto superior direito, pode-se visualizar uma pequena plantação de tomate.
FONTE: Arquivo pessoal, 2017.



FIGURA 7 – Fotografia tirada dentro do rústico Barbosas Bistrô, com a presença do próprio Barbosa, dono e cozinheiro do espaço.
FONTE: Arquivo pessoal, 2017.



FIGURA 8 – Fotografia tirada em frente ao Barbosas Bistrô, cuja estrutura servia no passado como casa do caseiro. É marcante seu traço rústico e bucólico.
FONTE: Arquivo pessoal, 2017.